

# Foto clube do Espírito Santo: a arte fotográfica numa trajetória específica

Cláudia Milke Vasconcelos  
UFES

## **Resumo**

A pesquisa buscou recuperar a história do Foto Clube do Espírito Santo (FCES) desde sua fundação, em 1946, até a data de seu último Salão Fotográfico, em 1978. O trabalho volta-se também para a análise de sua produção fotográfica, tentando compreender o fotoclube capixaba tanto como uma entidade “seletora”, quanto “produtora” de fotografias artísticas.

## **Palavras-Chave**

Foto Clube do Espírito Santo, Fotografia artística, Fotoclubismo.

## **Abstract**

The research searched to recoup the history of Foto Clube do Espírito Santo – FCES (Espírito Santo’s Photo Club) since its foundation, in 1946, until the date of its last Photographic Hall, in 1978. The work is also turned toward the analysis of its photographic production, trying to understand the capixaba photo club as a “selector” entity, as much as a “producer” of artistic photographies.

## **Keywords**

Espírito Santo’s Photo Club, Artistic Photography, Photoclubism.

Apresento, nessa comunicação, um resumo da pesquisa de mestrado que teve como objeto de estudo a trajetória histórica e a produção fotográfica do *FCES – Foto Clube do Espírito Santo*, fundado em 1946. Por se tratar de um estudo que se propôs a ser tanto uma pesquisa histórica, quanto uma análise crítica da produção fotoclubista capixaba à luz das teorias da arte, a metodologia e o referencial teórico adotados buscaram contemplar essa dupla natureza investigativa, num trabalho que se colocou tanto como uma pesquisa acerca da história do fotoclube (ao estudo da trajetória da entidade em seu processo histórico, vinculado ao panorama do fotoclubismo no Brasil), como também ao emprego de suas imagens numa postura dialógica, compreendendo-as como meios de expressão e fonte de descobertas.

Com o surgimento da fotografia no séc. XIX, e sua rápida popularização, nasce também um segmento de fotógrafos que procuraram afirmar o lugar da fotografia no campo da arte. São eles os fundadores dos *fotoclubes*, agremiações formadas predominantemente por fotógrafos amadores, que intencionavam ampliar seus conhecimentos e trocar experiências.

No Brasil o fenômeno do fotoclubismo tem início apenas em 1910, com a fundação do *Photo Club do Rio de Janeiro*, que teve, contudo, pequena duração. Foi somente com a fundação do *Photo Club Brasileiro*, em 1923, também no RJ, que essa prática começou a ganhar consistência no país, sendo ele o responsável por organizar os primeiros Salões Fotográficos brasileiros, lançando, inclusive, uma publicação própria, a revista *Photogramma*. O período áureo da produção fotoclubista no Brasil compreendeu as décadas de 40, 50 e 60, com cerca de 150 clubes, e o Foto Clube do Espírito Santo (FCES) faz parte da história dessas agremiações no país, refletindo e compartilhando as estéticas e ideais que as animavam.

Na década de 1940 a cidade de Vitória, capital do Estado, não possuía ainda nenhum local ou instituição onde se pudesse estudar fotografia. Seu aprendizado se dava de maneira informal, de modo que um fotógrafo mais experiente ensinava aos amigos curiosos sobre o assunto, que se aprofundavam de acordo com seu grau de interesse, estudando em manuais, revistas ou livros especializados. Nesse período o equipamento fotográfico era operado manualmente, exigindo um conhecimento específico razoável por parte do fotógrafo. As fotografias eram em preto e branco e seu processamento era feito em laboratório de firma comercial, que também fazia as cópias diretas. Assim, um dos pontos de convergência dos profissionais e amadores aficionados por fotografia no Estado era a loja de equipamentos

e material fotográfico localizada no centro da cidade de Vitória, a *Empório Capixaba*. Reunindo-se frequentemente neste local, não só para encomendar serviços ou adquirir materiais, mas também para trocar experiências, um grupo de amadores acaba fundando o primeiro fotoclube capixaba, em **23 de maio de 1946**.

Constituindo-se como uma “Sociedade artística civil e sem fins lucrativos”, o FCES desejava propagar, difundir e incentivar a prática da fotografia no Estado. Nesse sentido, montaram inicialmente em sede provisória (que logo se mudou para sede alugada) um laboratório para revelação de filmes em preto e branco, além de uma biblioteca especializada no assunto. Reuniam-se com frequência, realizando excursões fotográficas, seminários, exposições e concursos internos, além de promover cursos que visavam socializar a arte fotográfica.

Em seus mais de 60 anos de existência o FCES passou por três sedes, sendo a última delas própria (onde ainda se encontra atualmente), adquirida em 1961. A partir da década de 50, passa a ser considerado de Utilidade Pública pelos Governos Estadual (Lei 643, de 26-08-52) e Municipal (Lei 208 de 2-10-51).

Os integrantes do fotoclube capixaba possuíam, à época de sua fundação, uma faixa etária parecida, que girava em torno dos trinta anos de idade. Eram, em sua maioria, amadores e representantes da classe média, sendo significativa a participação de profissionais liberais (médicos, bancários, funcionários públicos...). Por não se prenderem a encomendas ou encargos externos, esses amadores puderam exercitar muito mais livremente experimentações nesse campo. Em sua metodologia, exposta no livro de sua autoria *Padrões de Intenção*, Michael Baxandall utiliza-se do termo *trac*, através do qual refere-se a tudo aquilo que o artista recebe e doa à sua cultura, ao que “bebe” em seu meio cultural e ao que dá a ele em troca. No caso dos fotoclubistas, não havia um interesse econômico na atividade a qual se dedicavam, não havia um “mercado” relacionado às imagens fotográficas, como o que existia para a pintura. A recompensa aqui não era o dinheiro, mas como bem lembra Baxandall numa fala acerca da imagem pictórica (que podemos, certamente, transportar também para a fotografia):

[...] na relação entre os pintores e a cultura, a moeda de troca é muito mais diversificada que o dinheiro: ela inclui a aprovação das pessoas e o sentimento de obter alento intelectual, aos quais se somam, posteriormente, outros ganhos, como uma crescente confiança em si, provocações e exasperações que renovam as energias, a possibilidade

de sistematizar novas idéias, habilidades visuais adquiridas numa prática informal, novas amizades e, mais importante ainda, a afirmação de uma história pessoal ligada a uma linha de hereditariedade artística.[...].<sup>1</sup>

Tais palavras definem muito bem o sentimento geral que movia os fotoclubistas, onde ao invés da recompensa material, do dinheiro, era a experiência prazerosa de produzir imagens fotográficas cada vez melhores, a troca intelectual com os colegas da mesma agremiação e de outras (de outros países, com culturas distintas) e a satisfação de expor seus trabalhos e de vê-los até premiados, que realmente os gratificava.

Em sua longa trajetória, o FCES promoveu em Vitória diversos concursos internos, Salões Regionais e **26 Salões de Arte Fotográfica**, de caráter nacional e internacional, contribuindo para reflexões e debates em torno da fotografia. Propiciou também ao público capixaba, através de seu intercâmbio com outras entidades de vários estados e países, a oportunidade de conhecer o que de melhor se fazia como “fotografia artística” em todo o mundo, naquele momento. Realizou ainda inúmeras excursões fotográficas com seus membros, sempre com a orientação técnica de responsáveis e ministrou **45 cursos de Iniciação à Arte Fotográfica**, abertos também a não associados, ensinando e propagando este meio de expressão. Dessa forma, o Foto Clube do Espírito Santo constituiu-se numa entidade importante para a arte e a cultura local que “[...] ampliava o universo de conhecimento, o gosto e a percepção sobre essa linguagem artística [...]”<sup>2</sup>.

Os Salões de Arte Fotográfica realizados pelo FCES aconteceram entre **1946 e 1978**, sendo os primeiros de caráter nacional e, a partir de 1958, de âmbito internacional, reconhecidos pela *FIAP* (Federação Internacional de Arte Fotográfica, com sede na Suíça). Deles participam integrantes de instituições similares brasileiras e estrangeiras, além de muitos fotógrafos do próprio FCES, que também alcançaram premiações importantes e atuaram como membros convidados das comissões julgadoras de Salões fotográficos em todo o mundo.

O FCES esteve presente e foi um dos fundadores da *Confede-*

- 
- 1 BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**: a explicação histórica dos quadros. Trad. Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.88.
  - 2 LOPES, Almerinda da Silva. **Memória aprisionada: a visualidade fotográfica capixaba: 1850/1950**. Vitória: EDUFES, 2004, p.110.

*ração Brasileira de Fotografia e Cinema (CBFC)*, em 1950, fazendo parte, por diversas vezes, da *Comissão Artística* da entidade. A cidade de Vitória chegou a sediar a *V Bienal de Arte Fotográfica Brasileira*, em maio de 1968, promovida pelo FCES e patrocinada pela mesma Confederação.

Apesar de uma trajetória de sucesso crescente, a partir do final da década de 70 o FCES vai perdendo seu vigor. Ainda assim ele sobrevive, embora quase inativo, guardando em sua sede um acervo ainda desconhecido dos capixabas, mesmo dos amantes do assunto, e que pode perder-se caso não sejam tomadas medidas urgentes para sua conservação.

Analisando os 22 catálogos elaborados para os *Salões Capixabas de Arte Fotográfica*, que trazem, além de algumas reproduções fotográficas, informações a respeito das agremiações e fotógrafos participantes, é possível demarcar as características e estéticas que predominavam em seu meio. Através deles percebe-se, tanto nas imagens selecionadas, quanto nas produzidas pelo grupo, a influência do *pictorialismo*, da *fotografia moderna*, do fotojornalismo e da fotopublicidade.

O FCES sempre se orgulhou de sua postura *eclética* nas suas seleções. O intercâmbio com outras agremiações era intenso e as tabelas existentes nos catálogos permitem destacar as participações da Alemanha e da Áustria, que chegaram a superar as participações brasileiras em algumas mostras. O penúltimo Salão realizado pela entidade, em 1975 (XXV Salão), foi o que registrou o maior número de concorrentes e trabalhos inscritos, totalizando 2.511 inscrições (sendo que 485 foram admitidos), entre fotografias em preto e branco, cópias coloridas e diapositivos (slides).

As imagens publicadas em seus catálogos permitem afirmar também que o fotoclube capixaba, enquanto órgão seletor de “fotografias artísticas”, estava em consonância com a imagética fotoclubista desenvolvida tanto no Brasil quanto no exterior. Da mesma forma, a aceitação dos trabalhos fotográficos de seus membros em Salões nacionais e internacionais, revela esse alinhamento com os ideais estéticos em voga no movimento fotoclubista.

Vale ressaltar que a *produção imagética* do FCES (especialmente a das décadas de 50 e 60), mostrou inovação em relação à linguagem artística desenvolvida na *Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Espírito Santo* que, no mesmo período, se manteve fortemente marcada pelo academicismo. Observamos ainda que, mesmo que não percebamos na “fotografia artística” dos integrantes do FCES os as-

pectos de originalidade e ineditismo que caracterizaram a produção do FCCB (Foto Cine Clube Bandeirante, de São Paulo) nas décadas de 40 e 50, encontramos imagens que consideramos de grande expressividade artística e qualidade técnica. Se nas primeiras ainda fica clara uma vinculação muito forte aos preceitos acadêmicos que regiam a pintura, esse tipo de produção vai, rapidamente, abrindo espaço para experiências modernas, com emprego de ângulos inusitados e perspectivas não convencionais. Porém, é interessante ressaltar que muitos membros do FCES, mesmo depois de terem se iniciado em experiências modernas em fotografia, continuam também a produzir, intermitente ou paralelamente, imagens com concepções acadêmicas. Assim, nota-se que a maioria passa a ter, já ao final da década de 50, uma produção “ec-lética”, valendo-se concomitantemente tanto do repertório acadêmico quanto de peculiaridades próprias da linguagem moderna.

Examinando o conjunto de imagens que compõe esse acervo, podemos também afirmar que o universo temático dos mesmos é amplo e variado, porém, percebe-se uma nítida preferência pelas fotografias ao ar livre, principalmente pelas marinhas. Destacam-se também as paisagens, as cenas do cotidiano (trabalhadores, crianças brincando), a arquitetura (principalmente detalhes e fachadas de igrejas coloniais), naturezas-mortas (frutas e flores), objetos, retratos e cenas intimistas ou domésticas, sendo quase inexistente um tema que era bastante frequente no universo da fotografia artística foto-clubista, o nu feminino.

Na década de 1960 é notório o aumento do interesse pelo emprego de processos e efeitos de laboratório. Outra característica das imagens desse período é a busca do flagrante e do inusitado. No entanto, continua o interesse pela forma, típica do olhar moderno, assim como permanecem em muitas imagens os pressupostos da estética *pictorialista* e acadêmica. Ao final dessa década acontece o ingresso de uma nova geração de jovens apaixonados pela fotografia na agremiação, o que contribui para injetar idéias novas no grupo. Os fundadores do FCES encontravam-se, nesse período, por volta dos cinquenta anos de idade, e essa nova geração (alguns com menos de 20 anos), ávida por iniciar-se no universo fotográfico, vai buscar no fotoclube o ponto de apoio para desenvolver-se. Essa troca, de um lado a experiência dos membros mais antigos, e de outro a curiosidade dos mais jovens e sua falta de amarras aos cânones já consagrados, acaba gerando o enriquecimento da produção imagética de ambas as partes e do grupo como um todo.

Na década de 1970 os fotógrafos começam a aproximar-se mais

dos assuntos de sua época, realizando flagrantes da vida, geralmente por meio da fotografia direta. Dessa forma, insere-se também no ambiente fotoclubista capixaba uma linguagem relacionada ao fotojornalismo e à fotodocumentação e, ainda que os valores plásticos sejam, em geral, prioridade, muitas imagens são também carregadas de denúncia social. Nesse contexto, a figura humana ganha destaque e pessoas comuns tornam-se referentes constantes, porém, os pressupostos da fotografia moderna e mesmo da estética pictorialista continuam em voga, e todas essas referências são usadas pela maioria dos fotógrafos ao mesmo tempo, ao sabor de seu estado de espírito.

Concluindo, ao longo da pesquisa pudemos perceber que o FCES alinhou-se às práticas e estéticas vigentes no panorama do fotoclubismo brasileiro, possuindo grande representatividade em seu meio. Foi também uma agremiação de destaque na história da visualidade capixaba, afirmando-se como parte importante do cenário cultural da cidade de Vitória. Durante várias décadas o fotoclube atuou de forma eficiente, divulgando o melhor da arte fotográfica através dos Salões por ele realizados. Os *Salões Capixabas de Arte Fotográfica*, promovidos pela instituição, contribuíram para quebrar o isolamento em que se encontrava não só a fotografia, mas também a arte em geral no Estado, e o discurso crítico gerado em seu meio foi essencial para o desenvolvimento de uma nova visão, vindo a influenciar toda uma nova geração de fotógrafos. Nesse sentido, é importante ressaltar também que, até o começo da década de 60, a agremiação constituiu-se no único local no Estado onde se podia aprender fotografia.

O estudo revelou ainda que o fotoclube capixaba manteve-se aberto para a atualização de suas práticas, e confirmou a sua postura *eclética* tanto como entidade *seletora* quanto *produtora* de arte fotográfica e, apesar da gratuidade de intenções que norteava a produção foto-amadora, baseada na “arte pela arte”, não percebemos no FCES conflitos entre amadores e fotógrafos profissionais (sendo muitos destes, inclusive, membros do fotoclube). Também não encontramos problemas entre simpatizantes da estética moderna ou acadêmica. Pelo contrário, concluímos que a grande maioria dos integrantes do FCES não assumem uma postura única em relação às estéticas fotográficas vigentes no meio da “fotografia artística”, inclinando-se, ora para uma tendência clássica, ora para experiências modernas. Ainda assim, de uma maneira geral, percebe-se uma ligação muito forte dos membros das Comissões julgadoras de seus Salões (que muito pouco se renovou ao longo das 26 edições do evento, sendo formada

normalmente pelos membros mais antigos) com os preceitos acadêmicos. E, apesar de não detectarmos a presença de um *grupo* questionador dentro da instituição, pudemos constatar que alguns fotógrafos mais jovens, individualmente, criticaram, esporadicamente, essa postura.

Em relação ao panorama das Artes no Espírito Santo nas décadas de 40, 50 e 60, pode-se concluir que a criação do FCES foi uma atitude corajosa e pioneira em termos organizacionais. Desafiando aasmaceira cultural que dominava o cenário capixaba da época, os Salões Fotográficos por ele realizados aconteceram praticamente sem nenhum apoio oficial, seja do governo do Estado ou da Prefeitura de Vitória, e constituíram-se numa valiosa contribuição para o desenvolvimento da fotografia no Estado, bem como para sua difusão e democratização e, principalmente, para o entendimento, ainda que tardio, do meio fotográfico como forma de expressão artística.